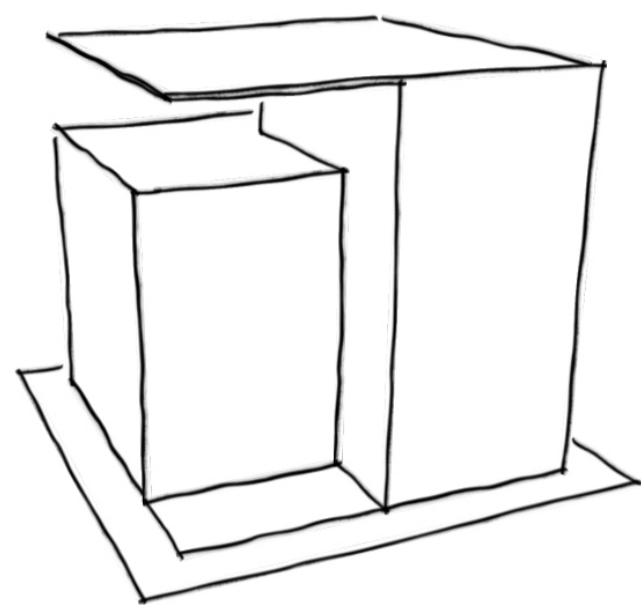
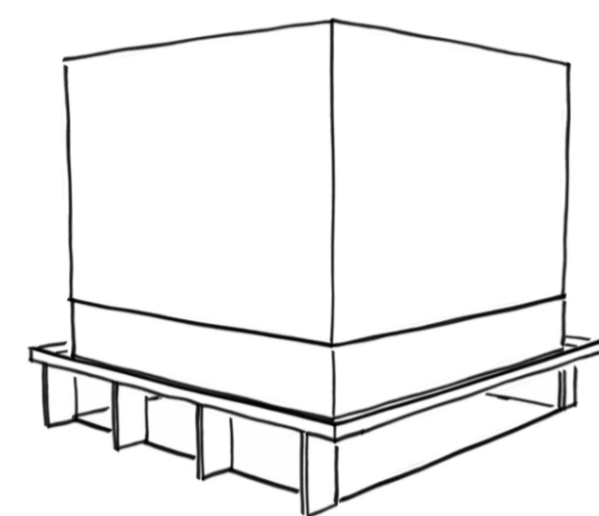


PROCESSOS

O CREMATÓRIO



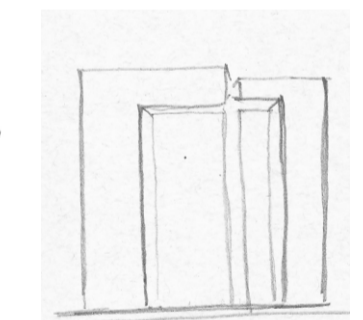
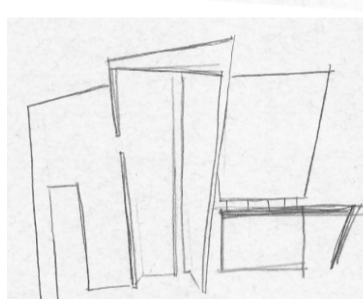
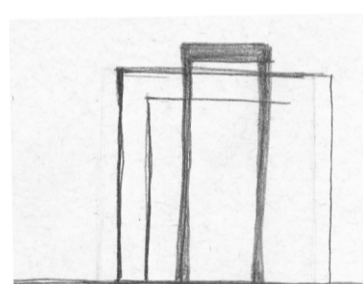
Para a primeira tentativa de desenho do crematório, seria utilizado um bloco cúbico com os mesmos muxarabis utilizados nos blocos de cemitério porém esse volume seria abraçado por um outro pesado, de concreto, que deixaria clara a diferença de intenções. Essa opção foi descartada por não possuir transcendentalidade significativa buscada para esse projeto.



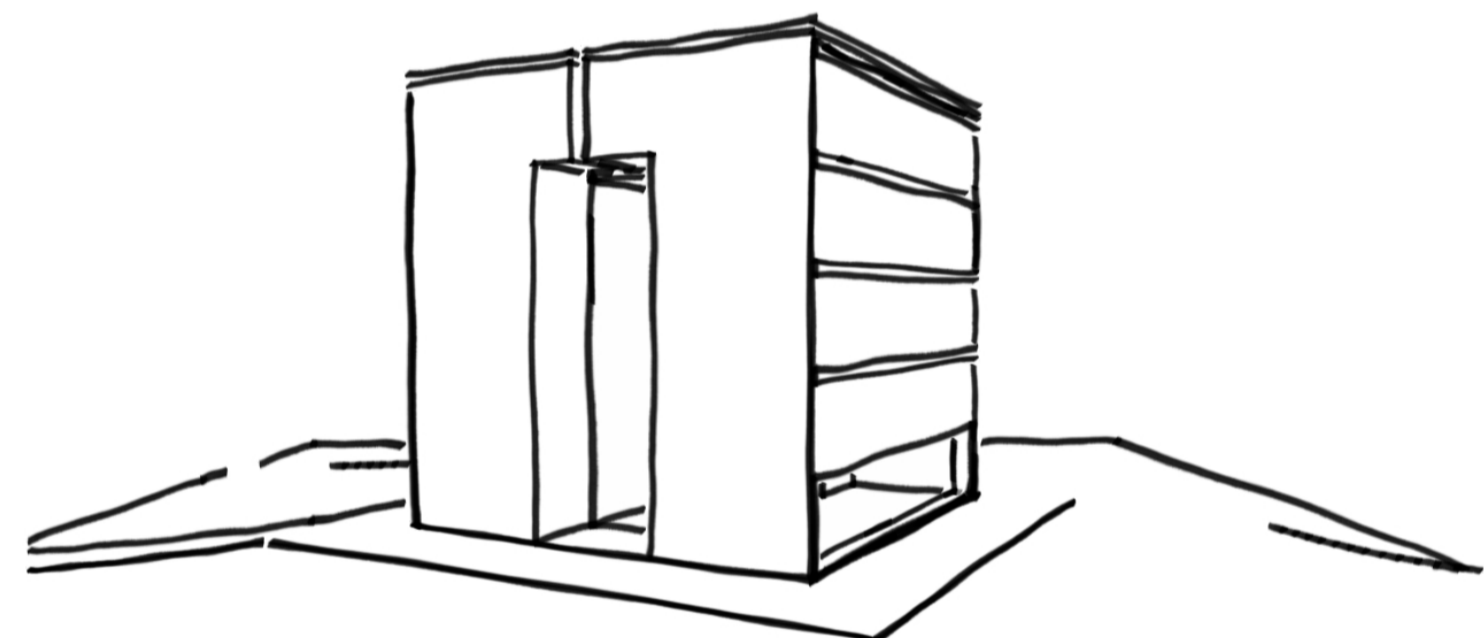
Quando se determinou que os velórios seriam localizados no mesmo prédio do crematório, sentiu-se a necessidade de uma marquise que desse suporte para as pessoas nesses velórios, onde haveria a troca com o ambiente externo. Foram estudadas diversas formas de marquise, mas isso dificultou manter intacta outra intenção forte nesse momento: a de que o crematório, ao contrário dos prédios de cemitério, seria pesado e bastante minimalista.



Num terceiro momento, surgiu a idéia de utilizar espelhos com o conceito do infinito conseguido no reflexo e a possibilidade de refletir os próprios muxarabis. Essa possibilidade foi descartada pois os espelhos nas arquiteturas contemporâneas simbolizam grandes edificações corporativas e, por isso, logo esse conceito foi descartado.



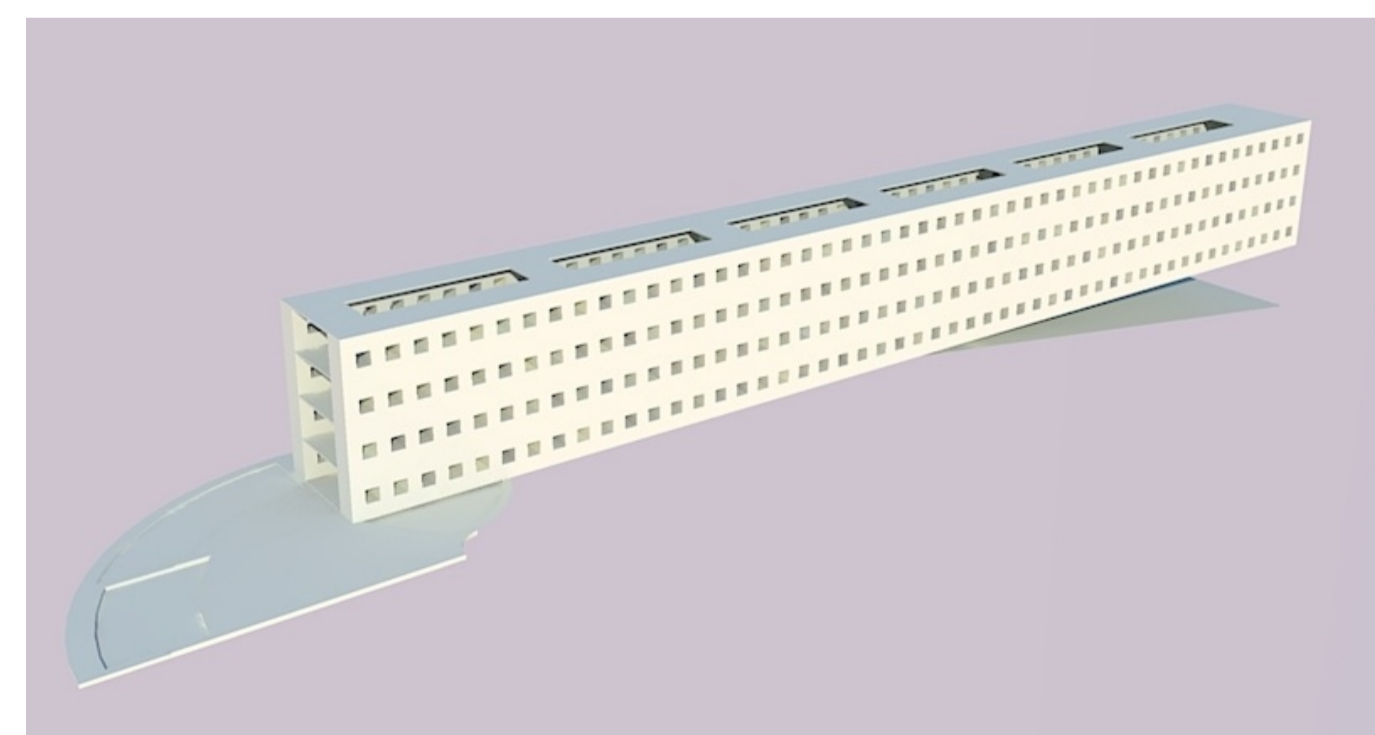
Por fim, usando como referência o crematório Treptow e as esculturas de Jorge Oteiza, foram feitos diversos rabiscos que comportassem, principalmente, os velórios com a cobertura no térreo e tivesse a linguagem pesada e minimalista, se opondo aos outros edifícios. Por fim, após muitos estudos, chegou-se a configuração final do crematório, representada ao lado.



A FITA

Para o prédio em fita, inicialmente ele seguiria o modelo do San Catalado, de Aldo Rossi, fechado para dentro com pouco contato com o meio externo. Além disso, suas fachadas seriam paredes fechadas.

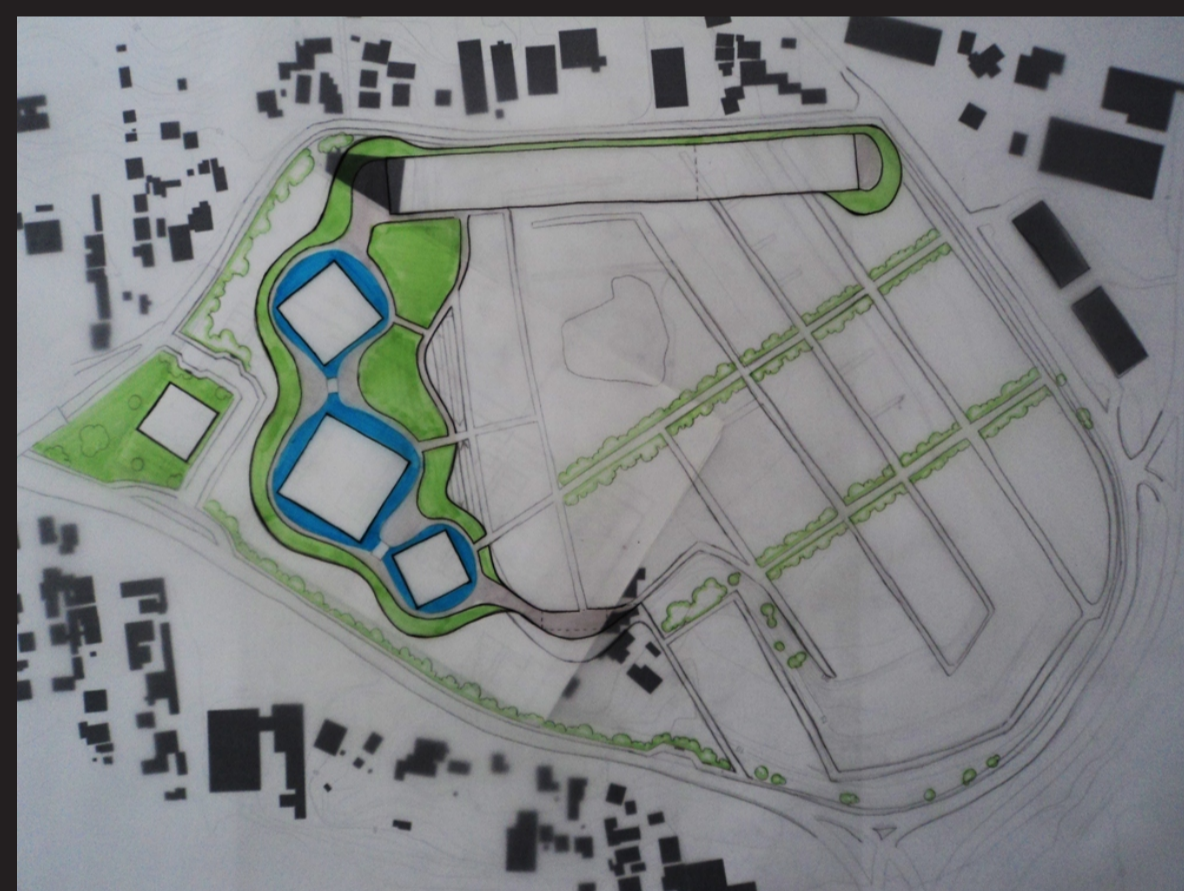
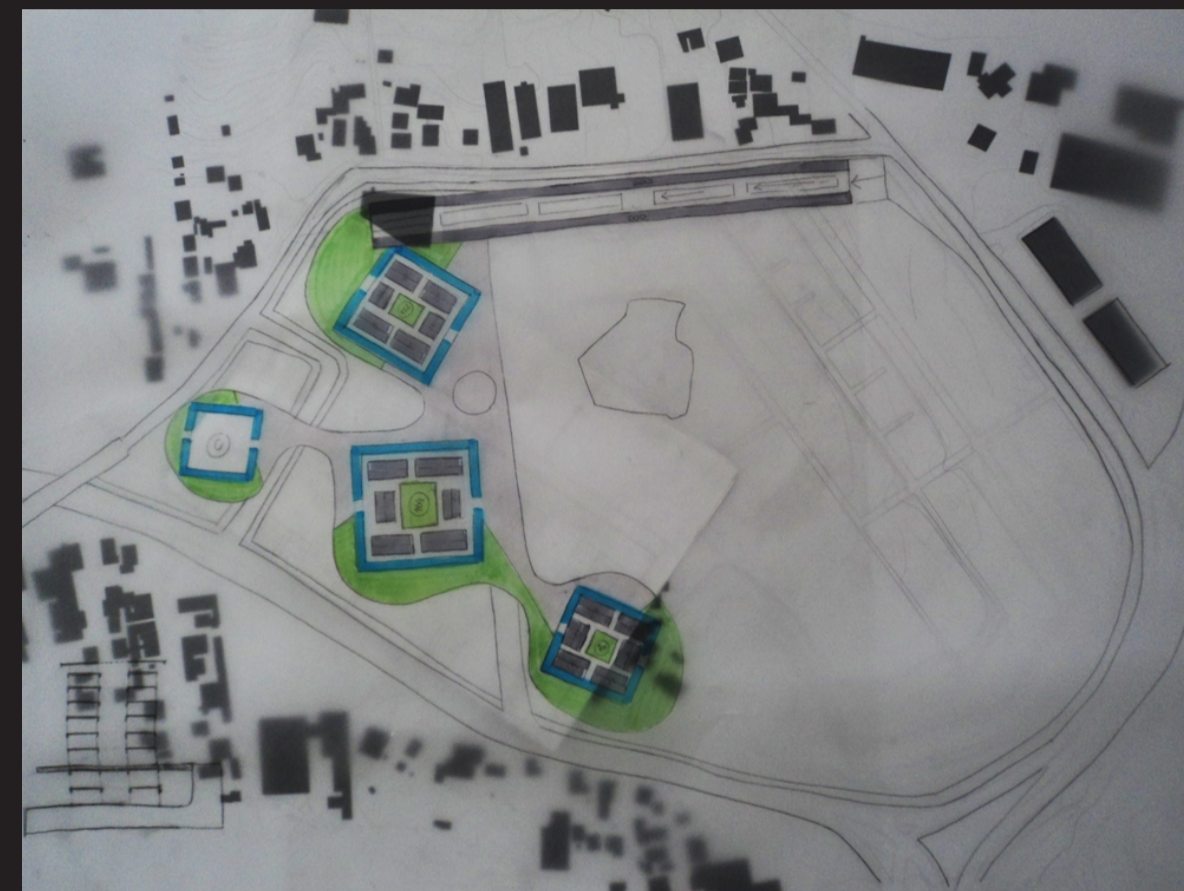
Por fim, para mostrar a semelhança de uso com os blocos das velas e para criar uma fachada mais interessante para o exterior, decidiu-se usar o mesmo muxarabi dos outros prédios.



Acima: imagem mostrada na pré-banca do que seria o bloco em fita.

A EVOLUÇÃO DA LAJE

Ao longo do semestre, a laje passou por diversas formas, que refletiam diretamente nos prédios propostos. Inicialmente o crematório estaria mais isolado na esquina e os espelhos d'água não eram conectados, deixando os blocos mais isolados. Em seguida, a laje deixa de envolver o crematório, que fica ainda mais desconectado do resto do projeto. Por fim, o espelho d'água abraça as 3 velas eo crematório se aproxima da área de restaurante, ganhando mais visibilidade para os carros que passam na SC-401.



Acima: fotos das plantas em papel manteiga com estudos da laje ao longo do semestre.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensar uma arquitetura para os mortos implica, diretamente, em pensar um espaço para os vivos. Tendo isso em mente torna-se evidente a necessidade de se projetar esses espaços de forma consciente, com intenções claras que se reflitam num projeto de qualidade arquitetônica. E ao redor do mundo já existem projetos de referência para espaços voltados para a morte e o morrer. Só que as pessoas não querem saber sobre eles pois não querem pensar que a morte existe. Um projeto como esse nunca é perfeito: quando se trata com emoções humanas e subjetividade, todo projeto se torna muito pessoal para o observador. Mas as intenções que esse projeto buscou ao longo de todo o seu desenvolvimento chegaram muito claras nessa conclusão e naturalmente se materializaram no que aqui foi mostrado.

Não existem melhores ou piores soluções, mas possibilidades, busca de ideais, assim como diferentes crenças que buscam diferentes "vidas após a morte". O maior aprendizado deste trabalho foi não só o projeto específico de um complexo mortuário, mas a necessidade de se projetar de acordo com intenções, a importância de uma pesquisa não só *in loco*, mas principalmente mergulhar no tema a que se propõe um projeto. Qualquer projeto é bom desde que seja um reflexo claro das intenções bem embasadas daquele que projeta.

REFERÊNCIAS

ARIÈS, Philippe. **História da morte no Ocidente**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.
DASTUR, Françoise. **A morte**: ensaio sobre a finitude. Rio de Janeiro: Difel, 2002.
DUBY, Georges. **Ano 1000, ano 2000**: na pista de nossos medos. São Paulo: Unesp, 1998.
KUBLER-ROSS, Elisabeth. **Sobre a morte e o morrer**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
BAUDRILLARD, Jean. **A troca simbólica e a morte**. São Paulo: Loyola, 1996.
ZIEGLER, Jean. **Os vivos e a morte**. Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1977.
W. C. Torres. **A psicologia e a morte**. Rio de Janeiro: FGV, 1983.
FREUD, Sigmund. **Além do princípio do prazer**. Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud, vol. XIV, Imago, Rio de Janeiro, 1914-1916.
FREUD, Sigmund. **Luto e melancolia**. Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud, vol. XIV, Imago, Rio de Janeiro, 1914-1916.
MANNONI, Maud. **O nomeável e o inominável**. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1995.
CASTRO, Elisiana Trilha. Trabalho de Conclusão de Curso: **Aqui jaz um cemitério**: a transferência do cemitério público de Florianópolis (1923-26).
<http://www.brasilescola.com/psicologia/estudo-teorico-morte.htm>, acesso em 22/09/2010.

Estudo Teórico da morte
<http://www.parana-online.com.br/editoria/cidades/news/332319/>, acesso em 20/11/2010.

Espaço em cheque nos cemitérios municipais do Estado
http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq060/arq060_02.asp, acesso em 15/10/2010.

Cemitérios contemporâneos. Entre a vida e a morte. Fredy Massad & Alicia Guerrero Yeste
<http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq000/esp207.asp>, acesso em 15/10/2010.

O cenário como pretexto. Maribel Aliaga Fuentes